

## **Formação docente e o ensino de instrumentos percussivos na educação básica: relato de experiência**

*Rosângela Souza da Silva*  
*UFPB*  
*rosangelamusicart@hotmail.com*

**Resumo:** O presente artigo trata do ensino de Instrumentos Percussivos com a finalidade de trabalhar o desenvolvimento da coordenação motora dos alunos do 3º ano fundamental de uma escola de educação básica de uma rede municipal, onde atuei como estagiária e bolsista do PIBID Música durante um semestre. Partindo dessa vivência, o objetivo desse relato é apresentar as experiências vividas na escola, buscando discutir a necessidade de um olhar otimista em relação ao fazer musical em escolas públicas, uma vez que a maioria dos licenciandos pretende apenas trabalhar em escolas especializadas de música, com um olhar preconceituoso ou até mesmo de discriminação quando o assunto é lecionar em escolas de Educação Básica. Para isso, o trabalho tem como base, além das experiências vividas em sala de aula, uma breve discussão teórica sobre formação do professor no campo da educação musical. Os principais resultados da discussão apontam que é de grande importância a atuação de futuros educadores musicais em escolas regulares, pois os mesmos poderão adicionar essa experiência em suas vivências docentes adquiridas.

**Palavras chave:** Atuação docente na Educação Básica. Ensino de Instrumentos Percussivos. Coordenação Motora.

### **Introdução**

Este trabalho relata o ensino de Instrumentos Percussivos para alunos de uma escola de educação básica de uma rede municipal, onde atuei como estagiária e bolsista do PIBID Música durante um semestre, tendo assim a finalidade de trabalhar e melhor desenvolver a coordenação motora dos mesmos através de atividades em sala de aula. Ainda, o trabalho em sala de aula buscou proporcionar aos alunos o contato com esses instrumentos percussivos através de atividades visando identificar os instrumentos por nomes e timbres; tocar e desenvolver suas habilidades musicais. Assim, a partir dessa experiência, buscamos discutir brevemente neste trabalho a necessidade de um olhar otimista por parte dos licenciandos em

música, em relação ao fazer musical em escolas públicas, uma vez que a maioria<sup>1</sup> pretende apenas trabalhar em escolas especializadas, muitas vezes, devido ao maior conforto e resultados positivos imediatos. Para isso, o trabalho tem como base, além das experiências vividas em sala de aula, uma breve discussão teórica sobre formação do professor no campo da educação musical, bem como a importância da atuação de futuros educadores musicais em escolas regulares, as quais os mesmos poderão adicionar essa experiência em sua formação docente adquirida passando por esse desafio cativador e assim dando um novo significado a tal prática.

### **Escolas de educação básica como espaço de formação humana e profissional**

As Escolas de Educação Básica têm proporcionado aos seus respectivos alunos um aparato de oficinas extracurriculares, onde os mesmos participam de canto coral, judô, bandas fanfarras, percussão, dança, dentre outras. Com isso observamos que está se abrindo um olhar diferenciado para as artes de modo geral e com a música não está sendo diferente. Segundo Almeida (2005), Santos (2006a, 2006b) e Kater (2004), o campo de trabalho do educador musical tem crescido cada vez mais nos últimos anos e oportunidades em diferentes frentes do ensino vêm aumentando, exigindo dos profissionais diferentes competências e uma formação mais abrangente. A discussão em torno de assuntos que abordem o ensino de música e a formação do educador musical tem apresentado significativos avanços nas transformações de teorias e metodologias no ensino de música.

Os futuros professores de música precisam acompanhar essas transformações de teorias e buscar novas metodologias que muito ajudarão em suas aulas ministradas, pois é de extrema importância conhecer diferentes metodologias para utilizá-las de acordo com o tipo de alunado ou meio em que estão inserido. Assim, saber conduzir bem uma sala de aula é tarefa e

---

<sup>1</sup> O que nos levou a proporcionar uma reflexão sobre a temática, foi presenciar vários professores do curso de licenciatura – da instituição pela qual somos discentes – perguntarem quais alunos pretendiam lecionar em escolas regulares e apenas um, de uma turma de 40 alunos, respondeu que pretende lecionar em escola regular. Confessamos que pensávamos da mesma forma, até que ingressamos no PIBID que fez toda diferença na minha forma de pensar e na minha prática pedagógica em um escola regular.

dever de um bom educador musical, pois o mesmo deve direcionar seus alunos a viverem em conjunto, aprendendo uns com os outros, pois, como diz Maturana (2002):

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. (MATURANA, 2002, p. 29).

Ainda assim, vemos que os estudantes de música mostram grande interesse pela escola especializada, devido ao conforto, ao espaço escolhido por eles para lecionarem, sejam em instituições ou aulas particuladas, entendendo também que nas escolas especializadas os alunos estão no espaço devido ao seu interesse pelo aprendizado, tanto de teoria musical, quanto de instrumento. E já na escola de educação básica, pensam que os alunos não têm interesse, não se comportam bem e atrapalham as aulas com mau comportamento. Muitos alunos de música também ingressam na Universidade, cursam licenciatura, porém não têm o foco em lecionar, pois querem se aprofundar apenas no conhecimento do seu instrumento e muitos deles escolhem a licenciatura por falta de conhecimento dos seus objetivos, muitas vezes diferentes das perspectivas pessoais do estudante. Porém, aos poucos esses alunos, no decorrer do curso poderão ir se adaptando com a ideia de dar aula, seja particular ou até mesmo de adentrar a uma escola de educação básica. Logo, essa nova adaptação passa por uma longa sequência de desapontamentos quanto aos resultados das atividades musicais realizadas com os alunos da escola regular. Porém, após esse processo de conhecer o ambiente, conseguir atrair a atenção dos alunos, bem como saber conduzi-los às atividades propostas, provavelmente os bons resultados irão surgindo, pois

é preciso aprofundar cada vez mais o compromisso com a educação básica, pois só assim a educação musical pode de fato pretender o reconhecimento de seu valor e de sua necessidade na formação de todos os cidadãos. Este é, portanto, o grande desafio (PENNA, 2002. p. 18).

Com isso, pensamos que as experiências de formação inicial do docente que mais se aproximam da realidade prática do profissional são encontradas majoritariamente nos estágios

supervisionados dos cursos de licenciatura. Nesses momentos, as experiências vividas pelos estudantes podem ser definidoras na decisão de tornar-se professor de música (RIBEIRO, MARINHO, 2014; SOARES, 2008). Assim, as propostas e objetivos do educador são alcançados e logo todos aprendem música em conjunto e vivem coletivamente. Com isso, o educador musical tem se adaptado e conquistado seu espaço em instituições de ensino regular e tais conquistas são resultados de trabalhos já desenvolvidos em ONG's, ações sociais e até mesmo escolas especializadas, pois a música tem sido um agente de transformação social de indivíduos, independente do local de atuação do educador. Além da transformação social, a música pode ajudar na coordenação motora do alunado através de exercícios rítmicos feitos coletivamente com instrumentos de percussão auxiliando-o em suas dificuldades e tais atividades propostas obterão bons resultados quando há por parte do educador um bom condicionamento e encorajamento motivacional, pois como diz Guimarães, & Bzuneck:

Um estudante motivado mostra-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, engajando-se e persistindo em tarefas desafiadoras, despendendo esforços, usando estratégias adequadas, buscando desenvolver novas habilidades de compreensão e de domínio. Apresenta entusiasmo na execução das tarefas e orgulho acerca dos resultados de seus desempenhos, podendo superar previsões baseadas em suas habilidades ou conhecimentos prévios (Guimarães, & Bzuneck, 2002, p. 2).

Vemos então a importância do educador saber conduzir bem seus alunos, pois mesmo aqueles que inicialmente não tiveram bom comportamento em sala de aula, ao se sentirem motivados, participarão e ajudarão ao professor a obter bons resultados, pois conhecemos histórias de crianças, jovens e adultos que viviam no crime, mundo das drogas, não se comportavam em sala de aula, eram agressivos e conseqüentemente, rejeitados pela sociedade, porém em algum momento de sua vida puderam conhecer a música através de uma ONG ou escola de educação básica, tiveram a oportunidade de aprender a tocar um instrumento, como por exemplo, a flauta doce tendo um bom desempenho, se sentindo útil por corresponder tecnicamente e musicalmente às expectativas do professor, com isso passa a substituir suas atitudes errôneas por boas ações, pensa em tocar para os amigos, familiares e

comunidade em geral. E com esse processo de aprendizagem já surgem mudanças positivas de postura, comportamento, nas apresentações feitas na escola ou para comunidade, tais alunos, antes rejeitados são vistos com outros olhos pela comunidade escolar e seus familiares. Agora eles passam a contribuir positivamente para sociedade. E é importante ter a ciência de que o professor faz parte da história e transformação dos alunos, pois,

aí [na exploração de potenciais sociais] reside o maior privilégio do educador: participar, de maneira decisiva e por meio da formação musical, do desenvolvimento do ser humano, na construção da possibilidade dessa transformação, buscando no hoje tecer o futuro do aluno, cidadão de amanhã (KATER, 2004, p. 45).

Desse modo, pode ser satisfatório para o professor poder contribuir de alguma forma na vida dos alunos e fazer com que ele valorize seu fazer musical, pois, de acordo com Santos (2006a, 2006b), independente da forma ou contexto (educação básica) no qual acontece a educação musical, ela deverá sempre servir como elemento de expressão sociocultural, reafirmando e valorizando as características fundamentais do fenômeno musical presente nos múltiplos contextos existentes na sociedade, aproximando-se assim da realidade cultural e musical de cada grupo ou indivíduo inserido nos diferentes âmbitos culturais. Lisboa e Koller (2004) afirmam que a função do docente não é somente ensinar conteúdos, mas ser um agente da educação, de forma a promover a cidadania. Com isso, vemos a importância dos espaços escolares na formação de professores que se capacitam e se preocupam em dar sua contribuição à vida social e humana de seus alunos e, conseqüentemente, sobre a sua. Assim, entendemos o aprendizado e o crescimento como algo mútuo, uma vez que, além do desenvolvimento dos alunos, o professor aprende a como se portar diante deles, buscando compreender seus comportamentos através do seu contexto familiar e do meio onde vivem.

## **Trabalhando a coordenação motora através de instrumentos percussivos**

Bem sabemos que as experiências vividas pelo professor resultam na forma como ele se porta dentro da sala de aula, o que é fundamental, pois o mesmo, estando motivado e feliz com sua atuação, proporcionará o interesse dos alunos. Lisboa e Koller (2004) afirmam que a

função esperada para os professores consiste em oferecer às crianças oportunidades de vínculos no cotidiano, estáveis e saudáveis, que possibilitem a comunicação próxima, a troca de afeto, a reciprocidade e o equilíbrio de poder.

Partindo dessa perspectiva, desenvolvemos na escola, com o auxílio da professora de música, algumas atividades educativas. Porém, antes nos dispusemos a conhecer a vivência musical dos alunos, pois estávamos cientes que a mesma fazia parte do seu cotidiano desde seus primeiros passos, que muito enriqueceu nossa proposta de ensino. A partir de então, buscamos partilhar o conhecimento de instrumentos musicais, bem como seus nomes e timbres, percepção musical, memorização de letras e melodias de canções, movimentos corporais e atividades lúdicas feitas em sala de aula, o que nos fez obter bons resultados, pois as crianças participavam, mostravam interesse, gostavam e se divertiam com nossas atividades musicais.

Porém, o que nos deixou preocupada foi a dificuldade na coordenação motora apresentada por parte significativa dos alunos. Alguns tinham dificuldades em bater palmas mantendo uma pulsação, por exemplo. Com isso fomos conduzidas a elaborar atividades voltadas para tal temática com a finalidade de desenvolvermos as capacidades motoras dos alunos, bem como fazê-los sentir a pulsação e conseguir tocar um instrumento percussivo no seu devido e determinado tempo. Assim, relatamos aqui duas atividades desenvolvidas em sala de aula para trabalhar a coordenação motora dos alunos. A primeira atividade proposta e realizada foi organizada da seguinte forma: demos um par de claves para cada aluno; foram criados três grupos de cinco alunos, aos quais se dividiram em seus devidos locais; Nós professoras, de frente para os grupos tocamos um determinado ritmo com a clave e um grupo de cada vez repetia após ouvir; ( para melhor compreensão do leitor descreverei exemplos de ritmos a seguir: quatro semicolcheias seguidas. Eu tocava e determinado grupo repetia. Após, tocarem corretamente, eu mudava a figura rítmica: três colcheias com uma semínima, por exemplo). Na medida em que eles iam acertando, nós fomos aumentando o grau de dificuldade dos ritmos executados e com isso eles iam aumentando seu grau de concentração e capacidade de execução, pois os mesmos queriam mostrar uns aos outros que estavam conseguindo

repetir corretamente os ritmos tocados pela professora. É importante salientar que as dificuldades de manter uma pulsação ou executar o ritmo ouvido foram diminuindo e apenas um grupo continuou com um pouco de dificuldade, porém repetimos várias vezes até as crianças desse grupo conseguirem tocar como haviam escutado. E logo, chegamos a um nivelamento e todos simultaneamente demonstraram que realmente aprenderam, pois repetiam os sons ouvidos de uma forma muito coordenada.

A segunda atividade a ser relatada funcionou da seguinte forma: cada aluno recebeu um instrumento de percussão (triângulos, pandeiras, claves, pandeiros, ovinhos); ensinamos os nomes dos instrumentos e logo em seguida demonstramos o som que cada um produzia; com isso, eles aprenderam seus nomes e tocaram em cada instrumento para conhecer seus sons.

Mostramos a gravura abaixo:

FIGURA 1 – Instrumentos de percussão a serem tocados pelos alunos.



Fonte: Produção das autoras

Nas imagens, apresentamos cada instrumento em sequências diferentes, constituindo oito frases, cada uma com quatro ilustrações de instrumentos. Os alunos após ouvirem a contagem feita pela professora (1, 2, 3, 4), começavam a tocar seu instrumento olhando para o quadro na medida em que chega o momento de tocar o instrumento ao qual está tocando; cada criança deveria tocar seu instrumento com a duração de um tempo, no tempo da contagem inicial da professora que determinou o pulso predefinido, os alunos deveriam seguir

as figuras e tocar o instrumento correspondente. Assim, fomos praticando por muitas vezes e aprendendo a tocar na pulsação, adquirindo assim mais concentração e coordenação motora.

Após a realização dessas atividades, fui levada a pensar em sua importância, tanto para minha formação, como para o desenvolvimento dos alunos. Pude conhecer o ambiente escolar, a forma como os alunos se portaram diante da minha condução nas atividades e posso dizer que obtive êxito, pois os mesmos ficaram atraídos, atenciosos, concentrados e interessados nas atividades de percussão, se preocuparam em tocar corretamente, quando alguns não conseguiam, ajudavam uns aos outros. Com isso, entendi que a minha proposta de ensino foi satisfatória para ambos.

### **Breves reflexões sobre a formação das licenciandas e dos alunos a partir da experiência vivida**

Esse trabalho desenvolvido enriqueceu muito nossa formação, pois inicialmente buscamos conhecer a vivência musical dos alunos do 3º ano do ensino fundamental, o repertório do seu cotidiano, suas preferências e seus conhecimentos prévios sobre música. Obtidas tais informações procuramos acrescentar conteúdos às suas vivências, pois os mesmos nos possibilitaram o contato com a sala de aula.

Foi de extrema importância observar a realidade e comportamento dos alunos através das aulas dadas pela professora local, porque nos possibilitou conhecer o contexto social e cultural dos alunos.

Através das nossas aulas ministradas aprendemos a como nos portar diante de determinadas situações, bem como atrair a atenção dos alunos às aulas. Com isso podemos observar que houve uma mudança da parte daqueles alunos que em nossas observações haviam detectado desinteresse. E essa mudança foi positiva, uma vez que tais alunos melhoraram seus comportamentos, porque sabiam que precisavam deles para tocar um instrumento de percussão como os demais colegas de classe.

Ao obter o interesse e participação deles nas aulas de instrumentos percussivos, muito nos motivou a continuar planejando as aulas de forma mais cuidadosa e atrativa, sempre

buscando atividades relacionadas à coordenação motora, ritmo, dentre outras atividades de audição, apreciação e cantigas infantis, bem como ensinar canções temáticas para apresentações comemorativas da própria escola.

Enfim, a partir das experiências vividas pudemos desenvolver uma perspectiva mais otimista em relação à nossa futura atuação docente. Com o desenvolvimento de um trabalho baseado em um planejamento sistemático e com atuação constante e orientada, bem como os bons resultados das práticas educativas, nossas percepções sobre a atuação na educação básica começaram a tomar novos significados.

## Referências

ALMEIDA, Cristina Maria Galdino de. Educação musical não-formal e atuação profissional. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 13, 49-56, set. 2005.

GUIMARÃES, S. E. R., & BZUNECK, J. A. (2002). Propriedades psicométricas de uma medida de avaliação da motivação intrínseca e extrínseca: Um estudo exploratório. **Revista Psico-USF**, 7, 1, 1-8.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 10, 43-51, mar. 2004.

LISBOA, C., & KOLLER, S. H. (2004). Interações na escola e processos de aprendizagens: Fatores de risco e proteção. In E. Boruchovitch, & J. A. Bzuneck (Orgs.). **Aprendizagem: Processos psicológicos e o contexto social da escola** (pp. 201-224), Petrópolis: Editora Vozes.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

PENNA, Maura. Professores de música nas escolas públicas de ensino fundamental e médio: uma ausência significativa. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 7, set. 2002. p. 18.

RIBEIRO, Fábio Henrique; MARINHO, Vanildo Mousinho. Formação docente na UFPB: o PIBID Música e algumas reflexões sobre a opção pela carreira docente. In: XII ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM I ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DO PIBIDMÚSICA. **Anais...** São Luis: ABEM, 2014.

SANTOS, Carla Pereira dos. Projetos sociais em educação musical: uma perspectiva para o ensino e aprendizagem da música. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. **Anais...** Brasília: ANPOM, 2006a, p. 108-112.

\_\_\_\_\_. Projetos sociais como perspectiva para a formação musical, estética e social: a realidade do projeto Musicalizar é Viver. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 15., 2006b. João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2006, p. 639-646.

SOARES, José. Estágio supervisionado: experiências de 11 alunos do curso de licenciatura em música da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DA ABEM. **Anais...** São Paulo: ABEM, 2008.